

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário do Grande ABC Class.: 88

Data: 12.07.81 Pg.: \_\_\_\_\_

# Nova versão da chacina do Meruri

Guilherme FIDELIS

A chacina do Meruri, episódio envolvendo índios, fazendeiros e sacerdotes, entrou para a história da violenta luta pela posse de terras e das riquezas que se encontram sobre e sob as mesmas, envolta em densas cortinas de mistério. Pouca gente tomou conhecimento exato da gravidade da disputa e dos interesses que permaneceram ocultos.

Agora, porém, a verdade vem à baila, através de um livro arrojado. Trata-se de *A Chacina do Meruri - A Verdade dos Fatos*, publicado com a chancela de *A Gazeta Mercantil*. O autor, José Mário Guedes Miguez, acompanhou de perto a evolução dos acontecimentos. Depois de muita paciência, pesquisou, rebuscou arquivos, encontrou uma série de documentos. Seu livro é um libelo, um passeio pelo mundo da verdade. Miguez é assessor jurídico da Associação de Imprensa de Barra dos Garças, Mato Grosso, onde os fatos aconteceram.

Em agosto, ele estará em São Paulo e visitará o Grande ABC, para travar um diálogo com estudantes sobre a problemática do índio e a participação da Funai e da Igreja em tristes disputas, que muitas vezes terminam em tragédias.

A verdade transparece na entrevista que Guedes Miguez concedeu ao Diário do Grande ABC:

- A chacina do Meruri, de que trata o seu livro, esconde interesses de grupos ou foi um episódio isolado?

- Tratando-se do fato jornalisticamente conhecido por *Chacina do Meruri*, em si, foi um episódio isolado, ou seja, acontecimento imprevisível, pois que não era intenção dos fazendeiros a eliminação de qualquer pessoa. No entanto, se considerarmos as causas que originaram tal fato, então podemos dizer que estão diretamente ligadas a interesses de dois grupos: os padres salesianos que ali atuam e um determinado grupo da Funai, no intuito puro e simples de a qualquer custo conseguirem ajudar os índios. O que pretendiam mesmo era aquelas terras para eles próprios e que, posteriormente seriam alienadas a terceiros, ficando eles com o produto arrecadado, que aliás não é a primeira vez que isso acontece na região.

- A convivência entre índios e latifundiários é pacífica ou há forças políticas insuflando os ânimos?

- Inicialmente, há que se diferenciar o termo empregado de latifundiários, o que não é o caso do Meruri, eis que todos os atingidos pela Reserva são pequenos proprietários e muitos deles simples posseiros. A convivência entre os índios e seus vizinhos, denominados *civilizados*, desde tempos imemoriais foi pacífica. Sempre houve grande intercâmbio entre índios e civilizados, principalmente na aquisição de roupas e alimentos. Houve insuflamento, não diria que por forças políticas, mas sim por alguns membros do clero, tais como o padre Rodolfo e o padre Gonzalo e também por elementos inescrupulosos da Funai.

- Qual a participação da Igreja? E da Funai?

- Os padres salesianos, por ocasião dos acontecimentos da *Chacina do Meruri*, utilizaram-se de sua força política junto a setores governamentais e influenciaram também setores da Funai para a ampliação da Reserva de 25.001 para 82.302 hectares. Sem que para isso dispusessem de cobertura legal, ou seja, expropriação ou desapropriação, pura e simplesmente, invadindo as terras legitimamente tituladas dos fazendeiros. Com base em mera Portaria da Funai, realizaram a demarcação da grande área para aumentar a Reserva do Meruri.

- O que acha da ocupação de terras produtivas pelos índios?

- No caso Meruri, realmente, a ocupação se localiza em terras produtivas, não coadunando com aquilo que seriam áreas próprias para a sobrevivência dos silvícolas, uma vez que por sua natureza vivem da caça e da pesca e ali não existe nenhuma floresta e nenhum rio que pudesse lhes dar alimentos necessários à sobrevivência. Trata-se de cerrados e campos gerais, apenas apropriados para lavouras mecanizadas.

- Na sua opinião, qual seria a política de terras mais adequada?

- As terras, como ficou explicado, devem ter o destino a que elas realmente se prestam, ou seja, para agricultura e nunca para Reserva Indígena.

- Seu livro é o relato fiel de uma espoliação de terras ou uma denúncia de desmandos?

- Houve um fato, um caso concreto e dentro da realidade ocorrida é que o livro foi escrito. Tanto isso é verdade que todas as assertivas ali inseridas estão comprovadas documentalmente. Logo, além de ser uma reprodução exata de espoliação, também o é de denúncia contra os demandos de uma política indigenista errada, arbitrária e falaciosa praticada pela Fundação Nacional do Índio.

- Os fazendeiros, afinal, são invasores ou vítimas?

- A invasão caracteriza-se pela ocupação indevida de terras e como já ficou demonstrado esse fato foi praticado pelos padres e Funai. São, portanto, eles os invasores. E, por consequência, vítimas são os fazendeiros, proprietários de terras legal e legitimamente adquiridas do Estado de Mato Grosso, cujas autoridades nunca contestaram nada, nem o extinto Serviço de Proteção ao Índio e nem tampouco os padres (que chegaram a vender terras aos civilizados), somente o fazendo agora.

- Na sua opinião, como deveriam funcionar as reservas indígenas?

- Em primeiro lugar, há que se diferenciar o nível de civilização dos índios que ocupam esta ou aquela Reserva Indígena. No caso específico do Meruri, temos índios com instrução ginasial e colegial, sendo ao todo um grupo tribal de 227 índios, havendo 90 índios eleitores, completamente integrados aos civilizados. Assim, para estes casos, acho que o governo deveria dividir e escriturar a área da Reserva em nome dos índios (com cláusula de inalienabilidade), para que pudessem como o branco (civilizado) produzir, quer na agricultura ou pecuária. Isto, logicamente, com boa assessoria técnica agrônômica e veterinária.

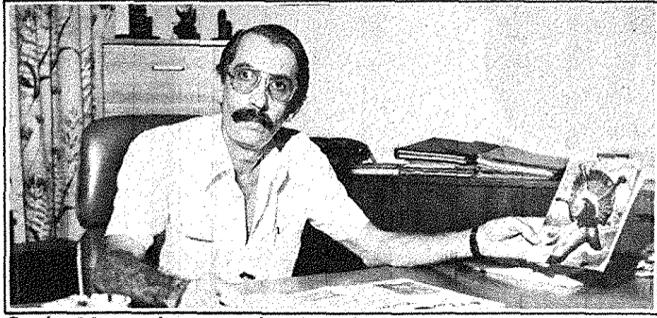
- Os religiosos prestam serviços ou servem-se dos indígenas?

- Realmente os religiosos prestam serviços, mas isso não impede que também utilizem-se dos índios e, mais ainda, de sua ingenuidade para interesses outros que não aqueles delimitados pelo seu trabalho missionário. A prova disso é que os índios sob suas ordens e usando veículos da própria Missão Salesiana transportam gado e outros animais mortos e furtados de fazendas, além de realizarem o mesmo transporte para o deslocamento de arroz e outros produtos agrícolas da lavoura dos fazendeiros, para serem consumidos nas aldeias. Tais acontecimentos funcionam como pressão para ameaçar e amedrontar os fazendeiros.

- Qual tem sido a aceitação do seu livro?

- Estou surpreendido. Julguei que houvesse interesse apenas no âmbito regional. No entanto, tenho recebido críticas de vários Estados no sentido de que as denúncias que ali estão deviam ser propaladas aos quatro cantos do mundo.

Na verdade, Guedes Miguez espera estar colaborando com as autoridades para uma visão mais realista do problema do índio no Brasil. O pobre indígena serve para esfarrapadas bandeiras; na realidade, são as grandes vítimas do sistema. Em nome de uma civilização, de uma suposta integração, são na verdade espoliados, massacrados, desintegrados, levados à prostituição, ao vício, ao fim.



Guedes Miguez denuncia política errada da Funai: arbitrária e falaciosa